

“BUENOS AIRES DE BONET”: RELATO DA DISSERTAÇÃO¹

Helena Bender

Resumo

O arquiteto catalão Antonio Bonet Castellana foi internacionalmente reconhecido por suas obras na costa uruguaia, sendo a urbanização de Punta Ballena de grande importância para a historiografia da arquitetura moderna no sul da América Latina. Contudo, a atuação do arquiteto no continente americano, sobretudo em relação a sua contribuição urbanística, não pode ser compreendida apenas através desta obra. Assim, a dissertação “Buenos Aires de Bonet: Antonio Bonet Castellana, habitação coletiva e o projeto da cidade moderna, 1943-1956” procurou complementar esta perspectiva analisando os projetos portenhos não construídos para o conjunto habitacional Casa Amarilla (1943), o bairro proposto em Bajo Belgrano (1948-1949) e a remodelação de Barrio Sur (1956), reconhecendo-os como uma série. A finalidade do texto foi a de melhor entender a obra de Bonet, sua contribuição à habitação coletiva e ao projeto da cidade pensada pela arquitetura moderna.

¹ Uma versão deste texto foi apresentada no *X Congreso internacional historia de la arquitectura moderna española*, celebrado em maio de 2016, em Pamplona, Espanha. Ver: BENDER, Helena. Antonio Bonet Castellana y su Buenos Aires: relaciones entre los proyectos Casa Amarilla (1943), Bajo Belgrano (1948-1949) y Barrio Sur (1956). In: ACTAS DEL X CONGRESO INTERNACIONAL HISTORIA DE LA ARQUITECTURA MODERNA ESPAÑOLA. ARQUITECTURA IMPORTADA Y EXPORTADA EN ESPAÑA Y PORTUGAL, 1925-1975 2016, Pamplona. *Anais...* Pamplona: T6 Ediciones, 2016.

² Ainda são frequentes as críticas à cidade pensada pela arquitetura moderna que a reduzem a planos unitários, estáticos, e desvinculados do contexto de inserção. Talvez o exemplo mais debatido por essas críticas seja o próprio Plano Piloto de Brasília. Ver, por exemplo: COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Cosacnaify, 2013, p. 334-335.

³ ORTIZ, Federico F. Una idea increíble: OVRA; un proyecto increíble: Casa Amarilla. In: ORTIZ, Federico F.; BALDELLOU, Miguel Angel. *La obra de Antonio Bonet*. Buenos Aires: Ediciones Summa, 1978, p. 20.

⁴ Ver: BALLENT, Anahi. *Las huellas de la política. Vivienda, ciudad y peronismo en Buenos Aires, 1943-1955*. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes: Prometeo 3010, 2009, p. 82. Ver também: BULLRICH, Francisco. *New Directions in Latin American Architecture*. New York: George Braziller, 1969, p. 30; ORTIZ, Federico F. El plan de Buenos Aires. In: ORTIZ; BALDELLOU, 1978, p. 29.

⁵ LIERNUR, Jorge Francisco. Las “villas miseria”, el “Barrio Sur” y la “Revolución Libertadora”. Una aproximación a la más importante propuesta de vivienda colectiva de Antonio Bonet. In: SHIMDT, Claudia; IBARLÚCIA, Ricardo (eds.). *1as Jornadas de historia y cultura de la arquitectura y de la ciudad. Historia, estética y teorías de la arquitectura: grande obras de la arquitectura en la argentina*

INTRODUÇÃO

“Buenos Aires de Bonet: Antonio Bonet Castellana, habitação coletiva e o projeto da cidade moderna, 1943-1956” descreve a trajetória de Bonet em Buenos Aires através dos projetos urbanos em que o arquiteto catalão se envolve. A dissertação parte da premissa de que a contribuição sul-americana de Bonet não pode ser satisfatoriamente compreendida apenas por sua atuação na costa uruguaia. Afinal, apesar da importância e do êxito de projetos como o centro de lazer em Punta Ballena, no Uruguai, as proposições urbanas do arquiteto na Argentina, mais especificamente o conjunto habitacional de Casa Amarilla, o bairro de Bajo Belgrano, e a remodelação do Barrio Sur, circularam em textos, exposições, e nas discussões dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM). Feitos entre 1943 e 1956, esses projetos questionaram, através da habitação coletiva, a estrutura urbana da capital portenha. Mais do que isso: organizaram uma sequência sobre a evolução das ideias da cidade pensada pela arquitetura moderna, revelando-a mais complexa e atrelada às características do lugar do que se costuma reportar.²

Muito do que motivou esse tema da dissertação foi a pouca repercussão desses projetos na bibliografia sobre a obra de Bonet. Afinal, nem Casa Amarilla, Bajo Belgrano, ou Barrio Sur, foram construídos, sendo comumente reportados como dissonantes do contexto político. O

projeto para Casa Amarilla, por exemplo, ficou conhecido como exemplo “inacreditável” de ideias pouco argentinas, surgido em contexto de golpe militar.³ Os edifícios densos de Bajo Belgrano encontraram resistência nas inconsistências internas do governo de Juan Domingo Perón.⁴ Já o plano para remodelar o Barrio Sur de Buenos Aires, pensado para ser construído ao longo de dez anos, foi entendido como anacrônico: parte de um momento político incapaz de sustentar a ação enérgica que o projeto requeria.⁵

Se esses projetos não encontraram sorte política para serem executados, ampliaram o estoque de soluções da cidade pensada pela arquitetura moderna e a dissertação visou complementação de pesquisas realizadas e reparação de conceitos. Neste sentido, seu texto foi montado em três partes que articulam as relações entre Bonet e ideias da cidade da arquitetura moderna, descrevem sua contribuição, e as examina em seus pontos semelhantes. Esse tipo de análise permitiu ressaltar estratégias comuns e próprias da cidade pensada pela arquitetura moderna, como a crítica à estrutura urbana de Buenos Aires, mas também fez ver que a crítica à cidade existente não se deu alheia às especificidades do lugar que cada um desses projetos pretendia modificar. Abaixo segue uma exposição sobre o problema historiográfico montado pela dissertação, os projetos estudados, e a relação de estratégias revelada quando esses projetos são percebidos em conjunto.

LACUNA HISTORIOGRÁFICA

A montagem da dissertação começou pela leitura de dois textos significativos: o catálogo de Sigfried Giedion, *A Decade of New Architecture* (1951), e o de Henry-Russell Hitchcock, *Latin American Architecture since 1945* (1955). Esses textos inseriram a obra de Bonet na história da arquitetura moderna latino-americana. Nas páginas de Giedion, o arquiteto aparece como personagem de ampla atuação, com trabalhos selecionados na “seção de mobiliário, na de arquitetura e na de urbanismo”,⁶ com a cosmopolita cadeira BKF (1938), o edifício de ateliês em Buenos Aires (1938-39) e o centro de lazer em Punta Ballena (1945-48). De Giedion para Hitchcock, a obra uruguaia em Punta Ballena é repetida,⁷ e se confirma como importante na carreira do arquiteto.

Vale notar que esse destaque historiográfico de Punta Ballena, que depois dos textos de Giedion e Hitchcock foi celebrada como obra prima do arquiteto,⁸ talvez tenha ofuscado as pesquisas urbanas que Bonet realizava, ao mesmo tempo, em Buenos Aires. Pesquisas que – com exceção da mostra organizada por Oriol Bohigas e Cirici Pellicer em 1960⁹ – só se tornaram conhecidas depois da primeira publicação sobre sua carreira intitulada *La obra de Antonio Bonet* (1978). Aquele texto, editado por Federico Ortiz e Miguel Angel Baldellou, em vez de destacar Punta Ballena, descreve o projeto como um “interlúdio uruguaio”,¹⁰ ou

seja, como interrupção de uma atividade que se desenvolvia na outra margem do Rio da Prata. Ali, Punta Ballena é capítulo que separa a sequência de projetos conhecidos como Casa Amarilla, Bajo Belgrano e Barrio Sur, que, em vez de modificar a natureza, propunham atualizar a estrutura urbana portenha.

Mas, apesar da inventividade, Casa Amarilla, Bajo Belgrano e Barrio Sur não foram construídos, e boa parte dos trabalhos publicados sobre a obra de Bonet, anteriores à dissertação,¹¹ ou continuaram relacionando esses projetos como partes de um panorama ou como contexto desde onde Punta Ballena é destacada.¹² Mais além dos textos de Fernando Álvarez Prozorovich, como “Antonio Bonet desde sus ciudades. Planes y proyectos para Buenos Aires y Barcelona,” (1996), ou “Bonet en Argentina. Del exilio a la travesía (1939-1963),” (2014), estes projetos foram pouco compreendidos como um conjunto. Ainda que estudos importantes contemplassem Casa Amarilla, Bajo Belgrano e Barrio Sur, o faziam separando esses projetos em seus distintos contextos históricos e políticos, como nos capítulos do livro *La Red Austral. Obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)* (2008), de Jorge Francisco Liernur e Pablo Pschepiurca, e de *Las huellas de la política. Vivienda, ciudad y peronismo en Buenos Aires, 1943-1955* (2009) de Anahi Ballent; ou como no artigo “Las ‘Villas Miseria’, el ‘Barrio Sur’

(1910-1980), 2011, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: Universidad Torcuato di Tella, 2011, p. 98.

⁶ Como observou Oriol Bohigas. Ver: BOHIGAS, Oriol. Otro catalán que triunfa en América. El arquitecto Antonio Bonet. *Destino*, Barcelona, v. 17, n. 816, 1953, p. 20. Disponível em: <<http://mdc2.cbuc.cat/cdm/compoundobject/collection/destino/id/205353/rec/19>>. Acesso em: 2 out. 2015.

⁷ HITCHCOCK, Henry-Russell. *Latin American Architecture since 1945*. New York: Museu de Arte Moderna, 1955, p. 49.

⁸ Depois do texto de Hitchcock, diferentes publicações celebraram os trabalhos em Punta Ballena como as principais contribuições de Bonet na América Latina. Ver: BULLRICH, Francisco. *New Directions in Latin American Architecture*. New York: George Braziller, 1969, p. 30-31; SEGRE, Roberto. *América Latina, fim de milênio: raízes e perspectivas de sua arquitetura*. São Paulo: Nobel, 1991, p. 148-149; COMAS, Carlos Eduardo Dias; ADRIÀ, Miquel. *La casa latinoamericana moderna. 20 paradigmas de mediados de siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p. 15; 120; e LUCCAS, Luis Henrique Haas. Antonio Bonet e a arquitetura do cone sul: o exemplo de Punta Ballena. In: COMAS, Carlos Eduardo Dias; MARQUES, Sergio Moacir (Eds.). *A segunda idade do vidro: transparência e sombra na arquitetura moderna do Cone Sul Americano - 1930/ 1970*. Porto Alegre: Uniritter, 2007. v. 5, p. 63-76.

⁹ Ver: ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando. Bonet en Argentina. Del exilio a la travesía (1939-1963). In: FRECHILLA, Juan José Martín; SAMBRICIO, Carlos (Eds.). *Arquitectura Española del Exilio*. Madrid: Lampreave, 2014. p. 56.

¹⁰ ORTIZ; BALDELLOU, 1978, p. 22.

¹¹ Depois da dissertação, alguns textos descreveram esses projetos com maior destaque, e com diferentes recortes de pesquisa. Ver, por exemplo: LEÓN, Ana María. *Modernity for the Masses: Antonio Bonet's Dreams for Buenos Aires*. University of Texas Press: 2020. Ver também: LEDERMAN, Jacob. *Chasing World-Class Urbanism: Global Policy versus Everyday Survival in Buenos Aires*. University of Minnesota Press: Minneapolis, 2020.

¹² Para contribuições em que os projetos fazem parte de um panorama, ver: KATZENSTEIN, Ernesto; NATANSON, Gustavo; SCHVARTZMAN, Hugo. *Antonio Bonet. Arquitectura y Urbanismo en el Río de la Plata y España*. Buenos Aires: Espacio Editora, 1985; e LIERNUR, Jorge Francisco. Antonio Bonet. Consideraciones sobre su obra en el Río de la Plata. *Cuadernos de Historia - IAA*, Buenos Aires, n. 7, p. 5-41, 1996. Para obras em que Punta Ballena é destacada, ver: ÁLVAREZ PROZOROVICH et al. *Antonio Bonet y el Río de la Plata*. Barcelona: CRC Galeria de Arquitectura, 1987; ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando; ROIG, Jordi (Eds.). *Antonio Bonet*

y la ‘Revolución Libertadora’. Una aproximación a la más importante propuesta de vivienda colectiva de Antonio Bonet,” (2011) de Jorge Francisco Liernur.

Diante deste contexto de publicações, a dissertação investigou com mais detalhe esses pedaços de cidade pensados por Bonet em Buenos Aires, reconhecendo-os como uma série. Não se pretendeu com isso questionar a importância que Punta Ballena teve na carreira do arquiteto, mas sim desenvolver uma interpretação alternativa, preenchendo uma lacuna historiográfica. A finalidade da dissertação foi a de melhor entender a obra de Bonet no sul da América Latina, sua contribuição à habitação coletiva e, sobretudo, ao projeto da cidade pensada pela arquitetura moderna, com soluções que além de vinculadas às discussões promovidas pelos CIAM, também se relacionavam com a cidade existente.

CASA AMARILLA E A CIDADE DENTRO DO VERDE

Seguindo a ordem cronológica dos projetos, Casa Amarilla foi a primeira contribuição urbana de Bonet estudada pela dissertação, pensada pelo arquiteto no contexto da *Organización de la Vivienda Integral en la República Argentina* (OVRA) em 1943.¹³ Tal associação, montada depois da dissolução do grupo Austral,¹⁴ tinha como objetivo estudar o problema da habitação no país, apon-

tando a falta de estudos técnicos sobre a moradia rural e urbana. Neste contexto, Casa Amarilla foi um exercício sobre habitação operária, pensado para até 20.000 habitantes. O projeto ocupava os terrenos ociosos da antiga estação de trens Casa Amarilla, limitados pela bifurcação da Avenida Paseo Colón e o Parque Lezama (1894) de um lado, e pelo Estádio do Boca Juniors (1940) de outro, e interessantes à implantação de habitações para trabalhadores já que eram próximos do centro comercial e do sul industrial. Assim, defendendo que “não se deve levar a cidade ao campo por meio de grandes subúrbios”, e sim “levar a natureza ao centro da cidade”,¹⁵ Bonet e os demais membros da organização pretendiam converter aquela área vazia em um pedaço de cidade no meio do verde (figura 1).

Sustentando uma densidade de aproximadamente 700 habitantes por hectare, em vez dos 130 da época,¹⁶ o projeto distribuiu três barras e quatro torres por cima do terreno vazio, organizando-os segundo os eixos norte-sul/leste-oeste. Diferentemente do que supõem algumas interpretações que desvinculam o projeto de seu entorno urbano,¹⁷ a observação do conjunto em escala ampliada esclarece a relação entre a implantação dos edifícios e a trama da cidade existente. Somente com essa percepção distanciada é que se entende porque Bonet e os técnicos do OVRA desenharam uma barra de 600 metros de comprimento, 17,4 de largura

e 55,5 de altura, cuja extensão inusitada percorria a maior dimensão do terreno ao mesmo tempo em que prolongava, virtualmente, a fachada da Avenida Paseo Colón.¹⁸ A partir dele, outras duas barras de mesma largura e altura, mas mais curtas, cada uma com 210 metros de comprimento, foram posicionadas de forma perpendicular e alternada, sendo uma ao norte e outra ao sul. Complementando o desenho das barras, as torres foram organizadas por cima do terreno como os vértices de um quadrado, alinhado com as quadras existentes a nordeste. Cada torre apresentava cerca de 150 metros de altura, o que as fazia mais altas que os arranha-céus construídos nos anos 1930¹⁹ e as relacionava com a escala do Rio da Prata.²⁰

As barras e torres de Casa Amarilla foram concebidas sobre pilotis, o que permitia desenvolver as áreas verdes livremente e indicar “100% do solo” como disponível ao pedestre.²¹ Porém, a

pesquisa documental da dissertação revelou um desenho em que o carro aparece e contesta a hegemonia de tal discurso (figura 2). É possível que os desenhos de processo revelem certas incertezas de projeto. Mas também é possível que a planta do térreo de Casa Amarilla sustentasse trânsitos de pedestres e de veículos no mesmo nível, conforme a regra da cidade tradicional, ainda que seu traçado tenha sido concebido independentemente dos sistemas pensados para a arquitetura. O traçado era formado assim por ruas relacionadas com a trama viária circundante, compondo uma rota que conectava as barras e torres entre si e se preenchia com os edifícios dos programas de suporte. No centro do conjunto se concentravam os programas especiais, como cinema, igreja, escola e clube. Para a periferia, se organizavam as atividades ao ar livre, como piscinas, quadras de futebol entre outros esportes. Desta maneira, Casa Amarilla se transformava em

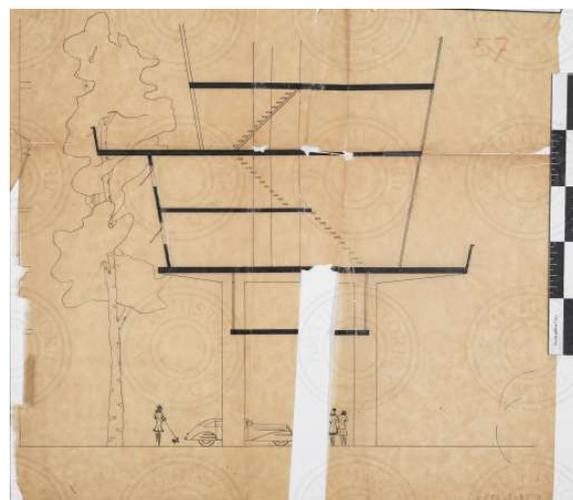
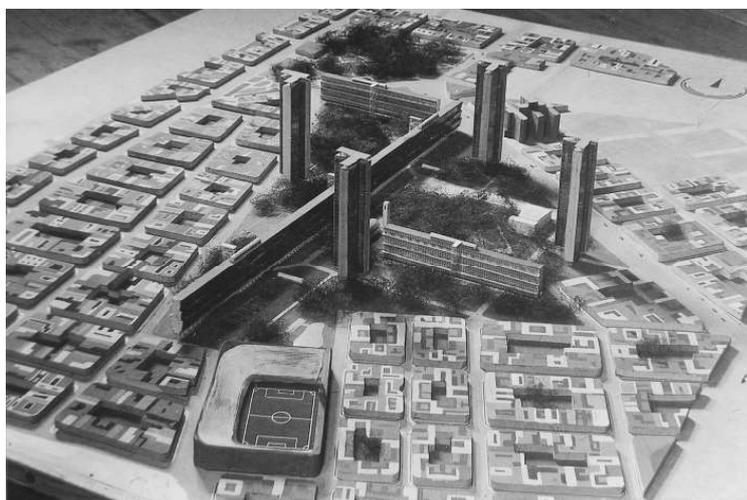


Figura 1. Maquete do conjunto habitacional Casa Amarilla, 1943. Fonte: ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando; ROIG, Jordi. Antoni Bonet Castellana 1913-1989. Barcelona: Colegio de Arquitectos de Catalunya/ Ministério de Fomento, 1996, p. 87.

Figura 2. Pilotis das barras de Casa Amarilla, trecho de seção. Fonte: Arquivo Histórico do Colégio de Arquitectos da Catalunha. Fundo Antoni Bonet i Castellana. H113B-5-257-4, Barcelona, Espanha.

Castellana. Barcelona: Santa & Cole Ediciones de Diseño, Centre d'Estudis de Disseny, Edicions UPC, 1999.

¹³ Bonet atuou no OVRA como secretário-geral da organização, que contava com Ernesto Santamarina como presidente, Marta Ezcurra, Alfredo D. Calgano e H. Hernandez Larguía como representantes da capital Buenos Aires e das províncias de Buenos Aires e Santa Fé. A organização também era formada por uma comissão assessora, com Alberto Zwanck na parte de economia, Pedro Alberastury, na jurisprudência, e Nicolas C. Luini, na economia, além da colaboração dos arquitetos Amancio Williams, Hilario Zalba, Eduardo Sacriste, Ricardo Ribas e Horacio Caminos. OVRA. *Estudio de los problemas contemporáneos para la organización de la vivienda integral en la República Argentina*. Buenos Aires: 1943, sem página.

¹⁴ O grupo foi montado por Bonet e os argentinos Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan, com o objetivo de fomentar a arquitetura moderna na Argentina oferecendo uma aproximação distinta daquela já praticada por outros arquitetos em Buenos Aires. Ver: BENDER, Helena. *Buenos Aires de Bonet. Antonio Bonet Castellana, habitação coletiva e o projeto da cidade moderna, 1943-1956*. 2014. 247 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

¹⁵ OVRA, 1943., sem página, tradução nossa.

uma cidade com jeito de parque, o que complementava o caráter de recreação do Parque Lezama e o de lazer promovido pelo Estádio.

Casa Amarilla não apresentava subdivisões em unidades ou grupos de vizinhança. Porém, o trajeto pedestre do térreo seguia verticalmente nas circulações horizontais das barras e torres, convertendo os pavimentos dos edifícios em trechos de quadra. Com esta estrutura, que Bonet e equipe chamavam de “*calle*” ou “*rua*”,²² o conjunto organizava uma estrutura intermediária entre a cidade e a habitação, relacionada com a paisagem ao mesmo tempo em que ampliava os percursos pedestres do térreo.²³ As calçadas das barras ocorriam como plataformas a céu aberto na fachada sul do bloco comprido e na fachada oeste dos blocos curtos, abastecendo cinco pavimentos com habitações desenvolvidas em um só piso, ou duplex ascendente ou descendente. Já as torres, por suas alturas avantajadas, não apresentavam plataformas abertas, mas sim circulações convertidas em mirantes, que relacionavam habitações em duplex ao ocorrer a cada dois pavimentos, e se orientavam para as vistas do rio.

Mas além de um caderno, produzido e divulgado pelo próprio OVRA, Casa Amarilla não repercutiu na imprensa da época ou alcançou apoio político. O grupo se dissolveu em seguida e o projeto ficou abandonado. Apesar do pouco prestígio, a proposição significou uma grande

experimentação, porque, ao mesmo tempo em que reivindicou o verde pela liberação do solo e maior densidade por se desenvolver em altura – convertendo a área em parque segundo o tema “habitação e lazer” discutido no CIAM V (1937) – utilizou elementos do contexto urbano e geográfico disponível, organizando relações com a cidade existente a partir de uma escala ampliada. Depois de Casa Amarilla, Bonet se dedicou à urbanização de Punta Ballena, e voltou para Buenos Aires só em 1948, para integrar o *Estudio del Plan de Buenos Aires* (EPBA).

BAJO BELGRANO E A CIDADE DIANTE DO RIO

Diferente de Casa Amarilla, Bajo Belgrano – o segundo projeto discutido pela dissertação – não significou um conjunto, mas sim um bairro de moradias para 50.000 habitantes, pensado por Bonet e os arquitetos Jorge Ferrari Hardoy e Jorge Vivanco em meio ao EPBA. Tal número de habitantes resultou de estudos sobre a população presente nos bairros portenhos da época, já que o grupo propunha utilizar “índices embasados na realidade”²⁴ para conceber uma solução alternativa à cidade de quadras.

A área destinada ao projeto, apesar de estruturada pela quadra, com o desenho de vias e sistemas de abastecimento, não estava totalmente ocupada na época.²⁵ De frente para o Rio da Prata, o ter-

reno de 170 hectares conhecido como “baixo de Belgrano” e circundado pelas atuais Rua Pampa e avenidas Guillermo Udaondo, Libertador e Leopoldo Lugones, apresentava áreas inundáveis e “com grande proporção de baldios”.²⁶ Ainda assim, a localização geográfica permitia montar relações com a natureza, recuperando o sol, o ar e a luz “com uma magnífica área de lazer e inclusive de férias” garantida pela proximidade com o rio.²⁷ Neste sentido, as áreas de verde e ócio se tornaram componentes importantes do projeto, assim como a incorporação de equipamentos urbanos preexistentes e adjacentes ao terreno, como o Estádio do River Plate (1938), o Tiro Federal Argentino (1891) e um projeto de Parque costeiro previsto.²⁸

Bonet e a equipe do EPBA subdividiram a área em quatro grandes porções prolongando as atuais vias Juramento, Blanco Encalada e Manuel Ugarte. Estas vias foram organizadas pelo projeto como uma estrutura de vinculação entre a cidade nova e a existente, possibilitando o trânsito veicular no interior do

bairro. Ainda assim, as quatro grandes porções não foram ocupadas pela quadra tradicional. A estrutura preexistente foi desmontada e transformada em 20 blocos de habitação sobre pilotis, cada um com 180 metros de comprimento, 18 de largura, e 50 de altura, batizados de “*manzanas verticales*” ou “quadras verticais” (figura 3).²⁹ Os blocos foram implantados a fim de obter uma insolação homogênea, orientados em sua maior dimensão no sentido norte-sul, de acordo com o Estádio preexistente em vez dos alinhamentos ortogonais das vias.³⁰ A maior densidade, de aproximadamente 295 habitantes frente aos 66 da época,³¹ e a menor ocupação resultantes permitiram o desenvolvimento expandido de áreas verdes, completando assim a conversão do tecido urbano tradicional em moderno, de peças sobre o verde, exemplificada nos fotogramas do filme *La ciudad frente al río* (1949).³²

Mas em vez de confirmar uma imagem simplificada de cidade da arquitetura moderna, os diferentes blocos de habitação foram interconectados por

¹⁶ Ibid. Segundo o censo 2010, vigente à época da escrita da dissertação, a densidade do bairro La Boca, onde se inseriria o projeto, era de cerca de 90 habitantes por hectare. DIRECCIÓN General de Estadística y Censos. Disponível em: <<http://www.estadisticaciudad.gob.ar/eyc/?p=28011>>. Acesso em: 17 out. 2015.

Figura 3. Maquete do bairro de Bajo Belgrano. Fonte: ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando; ROIG, Jordi. Antoni Bonet Castellana 1913-1989. Barcelona: Colegio de Arquitectos de Catalunya/ Ministerio de Fomento, 1996, p. 119.

Figura 4. As ramblas de Bajo Belgrano. Fonte: EPBA. 3a. Fundación de Buenos Aires. Buenos Aires: Vigor, 1949, sem página.



¹⁷ Ver: KATZENSTEIN; NANTANSON; SCHVARTZMAN, 1985, p. 89; SILVESTRI, Graciela. La medida de la naturaleza. Block, Buenos Aires, n. 2, 1998, p. 71.

¹⁸ Ver: ÁLVAREZ PROZOROVICH, 2014., p. 49-50; Ibid. ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando. El sueño moderno en Buenos Aires (1930-49). 1991. 477 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Departamento de Composição Arquitetônica, Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 1991, p. 253. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/handle/10803/6099>>. Acesso em: 04 de fev. 2013.

¹⁹ A torre apresentava 12 pavimentos a mais que o edifício Kavanagh (1934-36) dos arquitetos Sánchez, Lagos e De la Torre.

²⁰ Ver: ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando. Antonio Bonet desde sus ciudades. Planes y proyectos para Buenos Aires y Barcelona. In: ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando; ROIG, Jordi (Eds.). *Antoni Bonet i Castellana 1913-1989*. Barcelona: Colegio de Arquitectos de Catalunya/ Ministério de Fomento, 1996. p. 28.

²¹ OVRA, 1943, sem página, tradução nossa.

²² O desenho em que a estrutura aparece é identificado com o nome de “planta calle”. Ver: ÁLVAREZ; ROIG, 1996, p. 89.

²³ Ver: CABRAL, Cláudia Piantá Costa. Anatomia da rua elevada. O projeto da circulação coletiva como investigação formal e programática

uma grande estrutura de passeios cobertos, implantada transversalmente ao conjunto, e destinada ao trânsito pedestre. Nas palavras do EPBA, “estas circulações remediavam os inconvenientes que puderam produzir os grandes espaços abertos e constituem, ao mesmo tempo, um elemento indispensável à escala humana”, porque foram pensadas cheias de serviços e comércio (figura 4).³³ A estrutura, inclusive, propiciava a implantação de escolas, centros de saúde, equipamentos esportivos, entre outras atividades de suporte à habitação, fora dos blocos, acomodada em edifícios baixos e diferenciados. A estratégia também favorecia o estabelecimento de praças ou esplanadas com a “recuperação da tradicional função latina da praça como centro da vida de relação”, além de organizar uma “rambla de comércios e esplanada cívica” no centro do conjunto.³⁴ Assim, a somatória de elementos fez que Bajo Belgrano fosse mais complexo como solução de espaço aberto que uma simples distribuição de blocos sobre o verde.³⁵

O conjunto foi dividido em 10 unidades de vizinhança, cada uma formada por dois blocos de habitação reunidos por um pequeno comércio.³⁶ Observando atentamente o bloco se percebe que os arquitetos do EPBA exploraram alternativas para sua seção, estudando duas tipologias: a do bloco escalonado, com terraços a céu aberto e circulação horizontal aberta e localizada na fachada; que evoluiu para um bloco reto, mais alto,

formado por duas faixas de habitação e circulação horizontal central.³⁷ As duas tipologias apresentavam habitações duplex e diversidade em suas configurações. Mas, independentemente do bloco, cada habitação tinha acesso pelas “circulações horizontais ou ‘ruas do bloco’” definidas “pela vida a se desenvolver entre as famílias de uma quadra de bairro”, ampliando no plano vertical os caminhos pedestres iniciados no térreo.³⁸

Bajo Belgrano foi apresentado na exposição de urbanismo do *IV Congreso Histórico Municipal Interamericano* (1949), no CIAM VII (1949), e publicado posteriormente na *Revista de arquitectura* (1953) como alternativa à cidade com falta de sol e ar, palavras relacionáveis ao discurso CIAM.³⁹ Até se poderiam somar outras características de tal discurso, como a insistência na maior densidade e menor ocupação, a separação entre os trânsitos de pedestres e veículos, e o interesse posterior pela ideia de unidade de vizinhança.⁴⁰ Entretanto, o bairro foi explicado, ao mesmo tempo, a partir de estruturas urbanas existentes, seja a partir da transformação da quadra em bloco, ou a partir de equipamentos que foram vinculados à proposição.

BARRIO SUR E A CIDADE DESDE A CIDADE

Sete anos depois de Bajo Belgrano, Bonet foi convidado pelo presidente do

Banco Hipotecário Nacional Argentino a “fazer e estudar um projeto com uma proposta de delimitação” para o sul de Buenos Aires.⁴¹ Bonet e sua equipe de colaboradores⁴² imaginaram assim a remodelação de uma área conhecida como Barrio Sur, e que foi o último projeto da série proposta pela dissertação. Com Barrio Sur, Bonet pretendia inserir 450.000 habitantes em 200 hectares, limitados pelas avenidas Paseo Colón, 9 de Julio, Belgrano e a Rua Caseros, incluindo o Parque Lezama (o mesmo estudado em Casa Amarilla) como área complementar. Oposta a Bajo Belgrano, área de atuação em Barrio Sur não se deu por cima de um terreno pouco consolidado, mas sim sobreposta a uma área central, das mais antigas, ainda que subutilizadas, da cidade. Condições que pretendiam ser revertidas pelo plano através da habitação, defendida como programa importante para o centro da cidade.

O plano dividiu a área em seis grandes setores equivalentes, cada um substituindo cerca de 16 quadras e abrangendo 75.000 habitantes. Bonet realizou essa divisão mantendo determinadas vias existentes, como as ruas Perú, San Juan e

Independencia, o que preservaria o trânsito veicular. No centro de cada setor se implantariam edifícios de usos especiais e as áreas de verde e lazer; para a periferia, se situaria o comércio, programa que configurava o limite de cada setor assim como a continuidade entre o plano e a cidade existente. Sobre esta estrutura, o que antes era ocupado por quadras e lotes foi substituído por três tipos de edifícios: a torre, de 100 metros de altura; a grega, de 30; e o edifício baixo, de seis. Juntos os edifícios organizavam uma densidade de 2.250 habitantes por hectare,⁴³ orientados segundo a lógica ortogonal norte-sul/leste-oeste da cidade existente e não de acordo a uma única orientação (figura 5).

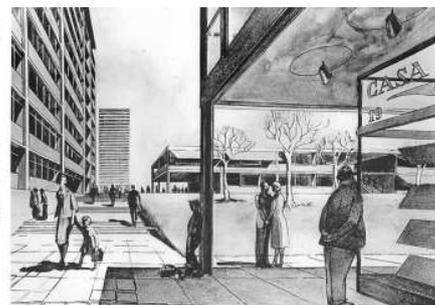
Os três tipos de edifícios utilizados em Barrio Sur, a torre, a grega e o edifício baixo, eram vinculados entre si por uma rede de percursos pedestres que se estendia por todo o plano. Tal rede não se organizava através do uso de um único elemento, mas sim a partir da interação entre os três tipos de edifícios. Desta manipulação de componentes, resultavam espaços abertos que variavam desde pequenas praças até esplanadas

na cidade moderna. In: IV *Projetar*, 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FAU-UPM, 2009, p. 14. Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1478>>. Acesso em: 3 mai. 2016.

²⁴ URBANIZACIÓN del Bajo de Belgrano. Un barrio para 50.000 habitantes. *Revista de Arquitectura*, Buenos Aires, n. 369, 1953, p. 20, tradução nossa.

Figura 5. Maquete do plano para Barrio Sur. Fonte: Arquivo Histórico do Colégio de Arquitetos da Catalunha. Fondo Antoni Bonet i Castellana. C1303/157:2, Barcelona, Espanha.

Figura 6. Diferentes paisagens pensadas para o percurso pedestre de Barrio Sur. Fonte: Arquivo Histórico do Colégio de Arquitetos da Catalunha. Fondo Antoni Bonet i Castellana. C1303/157:2, Barcelona, Espanha.



²⁵ Como Gorelik explica, a extensão urbana de Buenos Aires foi planejada pela municipalidade, que, no final do século XIX e início do século XX, preencheu um grande território limitado pelo “Boulevard de Circunvalación”, ou a atual Avenida General Paz, com o módulo da quadra. Tal módulo se trata de um quadrado mais ou menos homogêneo de 110-130 metros de lado, subdividido por lotes de ocupação periférica. A ideia era a da ocupação progressiva dessas quadras e lotes, que seriam, com o tempo, porções convertidas em cidade. Ver: GORELIK, Adrián. *La Grilla y el Parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2010, p. 27-28.

²⁶ URBANIZACIÓN..., 1953, p. 21, tradução nossa.

²⁷ *Ibid.*, tradução nossa.

cívicas e áreas verdes, diversificação relacionada com a preocupação de Bonet com uma “maior adequação dos espaços exteriores” (figura 6).⁴⁴ Associados à rede pedestre foram implantados diferentes programas de suporte à habitação, como escolas, centros culturais ou esportivos, que pretendiam animar os caminhos pelos setores do projeto. No centro do conjunto, Bonet implantou um centro de comércio em uma estratégia relacionada com a ideia de rua comercial que, na metade dos anos cinquenta, era uma característica comum de diferentes bairros de Buenos Aires.⁴⁵

Os setores foram ainda divididos em três “grupos de vizinhança”, cada um com 25.000 habitantes e equipados com comércios, escola e capela.⁴⁶ Desconsiderando o número de habitantes e o programa idealizado, esta divisão não é claramente visível nos desenhos publicados sobre o plano, talvez porque este tenha se caracterizado como um plano diretor — que seria completado ao longo

de 10 anos e por diferentes arquitetos. Desta forma, seus componentes permaneceram abstratos, com exceção de um conjunto de duas torres desenhadas por Bonet para inaugurar a primeira etapa de construção. Em relação a essas torres, Bonet desenvolveu os tipos norte-sul e leste-oeste, ambas retangulares, cada uma com 2.500 habitantes. A torre norte-sul foi concebida com unidades duplex e circulação horizontal localizada na fachada sul; já a torre leste-oeste foi pensada com unidades de um só piso, ocupando as duas fachadas ensolaradas, e circulação horizontal central. A grega compunha uma tipologia semelhante ao *redent* de Le Corbusier, e constituía uma estrutura contínua ao se elevar por cima das ruas e se adaptar às quadras adjacentes à área do plano. Por fim, o edifício baixo pode ser compreendido como uma estratégia de projeto. Como não tinha uma forma definida, existindo como um retângulo, um quadrado, ou alguma forma especial, o componente permitia manter determi-

Figura 7. Planos de Casa Amarilla (esquerda), Bajo Belgrano (direita) e Barrio Sur (centro), redesenhados sobre o mapa atual de Buenos Aires. Fonte: desenho da autora.



nadas edificações preexistentes no plano, assim como controlar o grande espaço aberto, regulando a área verde pensada para a proposição.⁴⁷

Barrio Sur foi publicado em diversas revistas especializadas na época, como a argentina *Mirador* (1957), as brasileiras *Módulo* (1957) e *Habitat* (1958) e as européias *Revista nacional de arquitectura* (1956), *L'Architecture d'aujourd'hui* (1958), *Bauen und wohnen* (1958) e *Cuadernos de arquitectura* (1959), alcançando projeção internacional. Em relação ao discurso CIAM, mais além do mencionado para Bajo Belgrano, se pode citar as preocupações discutidas na oitava edição do congresso, que destacaram a importância de atuar no “coração da cidade” e do desenho de componentes adequados à escala humana.⁴⁸ Apesar disso, as decisões de projeto em Barrio Sur também parecem pensadas desde a cidade existente, seja pela adoção da forma da quadra, pelo respeito aos antigos alinhamentos urbanos, ou pela contenção das áreas verdes organizadas para o projeto.

BUENOS AIRES DE BONET

Ao ordenar os projetos de Casa Amarilla, Bajo Belgrano e Barrio Sur como uma série, a dissertação não pretendeu equipará-los como equivalentes em tamanho em número, mas percebê-los como uma investigação alternativa a

Punta Ballena feita por Bonet sobre uma nova Buenos Aires. Tal investigação não foi alheia aos discursos CIAM, mas também não foi indiferente aos componentes da cidade existente. Se Casa Amarilla, Bajo Belgrano e Barrio Sur criticaram a quadra – convertendo-a em parque, deformando-a, ou alargando-a –, ao mesmo tempo montaram relações com outros elementos da cidade, seja em escala quase geográfica, como as peças compridas ou altas de Casa Amarilla, seja utilizando equipamentos preexistentes como guia para os blocos de Bajo Belgrano, seja conservando a própria estrutura formal da quadra como em Barrio Sur.

Ainda assim, as transformações de escala da quadra implicaram a separação dos trânsitos de pedestres e veículos, afim do conhecido princípio defendido pelos CIAM. Mas, diferentemente do que à pressa se supõe, Casa Amarilla, Bajo Belgrano e Barrio Sur, apresentaram preocupações com a organização de percursos pedestres que, além de serem relacionados com a cidade existente, se tornaram mais complexos de um projeto a outro. Em Casa Amarilla, Bonet desenhou caminhos no meio de parque, que estabeleciam ligações entre os equipamentos urbanos de recreação preexistentes, com canchas esportivas, piscinas, teatro e cinema. Em Bajo Belgrano, esses caminhos ganharam cobertura, comércio, e o nome de “ramblas”. Já em Barrio Sur, o arquiteto pulverizou os trajetos pedestres em uma rede: trechos abertos

²⁸ Ibid., p. 30. Na época do projeto, o Ministerio de Obras Públicas construía um complexo recreativo junto da Avenida Costanera Norte. Ver: NOVICK, Alicia. Del urbanismo a la planificación en Buenos Aires. Actores, instituciones e instrumentos. In: SAMBRÍCIO, Carlos (Ed.). *Ciudad y vivienda en América Latina 1930-1960*. Madrid: Lampreave, 2012. p. 46-71.

²⁹ Ibid., p. 48.

³⁰ Ver: CABRAL, Cláudia Piantá Costa. Uma máquina para jogar em Buenos Aires 1938-1978. *ARQTEXTO*, Porto Alegre, n. 17, 2010, p. 93.

³¹ URBANIZACIÓN..., 1953, 26. Segundo o censo de 2010, vigente à época de escrita da dissertação, a densidade do bairro Belgrano era de cerca de 160 habitantes por hectare. DIRECCIÓN General de Estadística y Censos. Disponível em: <<http://www.estadisticaciudad.gob.ar/eyc/?p=28011>>. Acesso em: 17 out. 2015.

³² O filme *La ciudad frente al río* pode ser visto como parte do vídeo *Arquitectes: Antoni Bonet* Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oWTmDxevM_o>. Acesso em: 10 nov. 2012.

³³ URBANIZACIÓN..., 1953, p. 49, tradução nossa.

³⁴ Ibid., p. 39, tradução nossa.

³⁵ CABRAL, 2010, p. 93; 96.

³⁶ URBANIZACIÓN..., 1953, p. 37.

³⁷ Ibid. p. 49.

junto de praças e esplanadas, e trechos cobertos junto de edifícios, eram parte de um mesmo percurso, como se os caminhos de Casa Amarilla e as *ramblas* de Bajo Belgrano pudessem fazer parte do mesmo sistema.

É importante enfatizar que a maior complexidade dos trajetos pedestres gerou diferentes aproximações ao espaço aberto. Assim, o verde que em Casa Amarilla e Bajo Belgrano era abundante foi controlado quando foi aplicado em Barrio Sur. O predomínio do verde em Casa Amarilla e Bajo Belgrano, e do edificado em Barrio Sur, se relaciona com o avanço dos debates no contexto CIAM – que de “habitação e recreação” passaram a destacar a importância do “coração da cidade”. Entretanto, outra resposta

também é possível: se em Casa Amarilla a cidade foi pensada dentro do verde e em Bajo Belgrano diante do rio, foi pela oportunidade oferecida pelo terreno vazio do primeiro e pela natureza do segundo, diferentemente de Barrio Sur, que foi pensado desde a cidade mesma (Figura 7). A consideração das características da cidade existente, junto com a ocupação com os percursos pedestres, são estratégias destacáveis porque afirmam soluções complexas de cidade da arquitetura moderna. Reveladas pela dissertação, essas estratégias sugerem importância das ideias de Bonet para Buenos Aires ao desenvolvimento da arquitetura moderna no sul da América Latina, e que vão além da contribuição de Punta Ballena.

³⁸ Ibid., tradução nossa.

³⁹ BALLENT, 2009, p. 33.

⁴⁰ Ver: MUMFORD, Eric. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge: MIT Press, 2002, p. 151-152.

⁴¹ BONET, 1985 in KATZENSTEIN; NATANSON; SCHVARTZMAN, 1985, p. 95, tradução nossa.

⁴² Colaboraram com Bonet os arquitetos Luis H. Aberastain Oro, Horacio Baliero, Néida Gurevich, Eduardo Polledo, Próspero E. Poyard, Victor Sigal, César A. Vapñarsky e Severo A. Yantorno; o engenheiro Jorge A. Martucci; o agrimensor Osvaldo Lauersdorf; os maquetistas Eduardo Bell, Oscar N. Candiotti, Raúl Pastrana; os desenhistas Carmem Córdova de Baliero, Carlos Castiglione, Carlos E. Dourge, Justo J. Solsona, Fernando L. Tiscornia; Alfredo Hlito na graficação; e Aníbal G. Larumbe na fotografia. BONET CASTELLANA, Antonio. Plan de Remodelamiento de la Zona Sud de Buenos Aires. *Mirador: panorama de la civilización industrial*, Buenos Aires, n. 2, junho 1957, p. 63.

⁴³ Segundo o censo de 2010, vigente à época de escrita da dissertação, a densidade para o bairro San Telmo, quase correspondente a área do plano, era de aproximadamente 166 habitantes por hectare. DIRECCIÓN General de Estadística y Censos. Disponível em: <<http://www.estadisticaciudad.gob.ar/eyc/?p=28011>>. Acesso em:

BIBLIOGRAFIA

- ABOY, Rosa. Ciudad, espacio doméstico y prácticas de habitar en Buenos Aires en la década de 1950. Una mirada a los departamentos para las clases medias. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2010. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/59215>>. Acesso em: 13 de dez. 2013.
- ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando. Bonet en Argentina. Del exilio a la travesía (1939-1963). In: FRECHILLA, Juan José Martín; SAMBRICIO, Carlos (Eds.). *Arquitectura Española del Exilio*. Madri: Lampreave, 2014. p. 30-59.
- _____. *El sueño moderno en Buenos Aires (1930-49)*. 1991. 477 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Departamento de Composição Arquitetônica, Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 1991. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/handle/10803/6099>>. Acesso em: 04 de fev. 2013.
- ÁLVAREZ PROZOROVICH, Fernando; ROIG, Jordi (Eds.). *Antoni Bonet i Castellana 1913-1989*. Barcelona: Colegio de Arquitectos de Catalunya/ Ministério de Fomento, 1996.
- _____. *Antonio Bonet Castellana*. Barcelona: Santa & Cole Ediciones de Diseño, Centre d'Estudis de Disseny, Edicions UPC, 1999.
- ÁLVAREZ PROZOROVICH et al. *Antonio Bonet y el Río de la Plata*. Barcelona: CRC Galería de Arquitectura, 1987.
- BALLENT, Anahi. Las huellas de la política. Vivienda, ciudad y peronismo en Buenos Aires, 1943-1955. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes: Prometeo 3010, 2009.
- BENDER, Helena. Antonio Bonet Castellana y su Buenos Aires: relaciones entre los proyectos Casa Amarilla (1943), Bajo Belgrano (1948-1949) y Barrio Sur (1956). In: ACTAS DEL X CONGRESO INTERNACIONAL HISTORIA DE LA ARQUITECTURA MODERNA ESPAÑOLA. ARQUITECTURA IMPORTADA Y EXPORTADA EN ESPAÑA Y PORTUGAL, 1925-1975 2016, Pamplona. *Anais...* Pamplona: T6 Ediciones, 2016.
- _____. *Buenos Aires de Bonet. Antonio Bonet Castellana, habitação coletiva e o projeto da cidade moderna, 1943-1956*. 2014. 247 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BOHIGAS, Oriol. Otro catalán que triunfa en América. El arquitecto Antonio Bonet. *Destino*, Barcelona, v. 17, n. 816, 1953, p. 20. Disponível em: <<http://mdc2.cbuc.cat/cdm/compoundobject/collection/destino/id/205353/rec/19>>. Acesso em: 2 out. 2015.
- BONET CASTELLANA, Antonio. Plan de Remodelamiento de la Zona Sud de Buenos Aires. *Mirador: panorama de la civilización industrial*, Buenos Aires, n. 2, p. 63-77, junho 1957.
- 17 out. 2015.
- ⁴⁴ BONET CASTELLANA, Antonio. In: BANCO HIPOTECARIO NACIONAL. *Plan de Remodelación de la zona sudeste de la Capital Federal. Estudio urbanístico, legal y financiero*. Buenos Aires: 1957, sem página, tradução nossa.
- ⁴⁵ ABOY, Rosa. Ciudad, espacio doméstico y prácticas de habitar en Buenos Aires en la década de 1950. Una mirada a los departamentos para las clases medias. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2010. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/59215>>. Acesso em: 13 dez. 2013.
- ⁴⁶ BANCO HIPOTECARIO NACIONAL, 1957, sem página, tradução nossa.
- ⁴⁷ Bonet especificou 30 edifícios de importância histórica que seriam mantidos pelo plano. *Ibid*.
- ⁴⁸ TYRWHITT, Jacqueline; SERT, José Luis; ROGERS, Ernesto Natan (Eds.). *The Heart of the City: Towards the Humanization of Urban Life*. London: Lund Humphries, 1952, p. 4; 11.

- _____. Remodelamiento de la Zona Sur de Buenos Aires. *Cuadernos de Arquitectura*, Barcelona, n. 37, p. 8-13, 3o trimestre 1959.
- BULLRICH, Francisco. *New Directions in Latin American Architecture*. New York: George Braziller, 1969.
- CABRAL, Cláudia Piantá Costa. Anatomia da rua elevada. O projeto da circulação coletiva como investigação formal e programática na cidade moderna. In: IV Projetar, 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FAU-UPM, 2009, p. 14. Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1478>>. Acesso em: 3 mai. 2016.
- _____. Uma máquina para jogar em Buenos Aires 1938- 1978. *ARQTEXTO*, Porto Alegre, n. 17, p. 78-103, 2010.
- COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Cosacnaify, 2013.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias; ADRIÀ, Miquel. *La casa latinoamericana moderna*. 20 paradigmas de mediados de siglo XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- DIRECCIÓN General de Estadística y Censos. Disponível em: <<http://www.estadisticaciudad.gob.ar/eyc/?p=28011>>. Acesso em: 17 out. 2015.
- EPBA. *3a. Fundación de Buenos Aires*. Buenos Aires: Vigor, 1949.
- GIEDION, Sigfried. *A Decade of New Architecture*. Zürich: Girsberger, 1951.
- GORELIC, Adrián. *La Grilla y el Parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2010, p. 27-28.
- HITCHCOCK, Henry-Russell. *Latin American Architecture since 1945*. New York: Museum of Modern Art, 1955.
- KATZENSTEIN, Ernesto; NATANSON, Gustavo; SCHVARTZMAN Hugo. *Antonio Bonet. Arquitectura y urbanismo en el Río de la Plata y España*. Buenos Aires: Espacio Editora, 1985.
- LEDERMAN, Jacob. *Chasing World-Class Urbanism: Global Policy versus Everyday Survival in Buenos Aires*. University of Minnesota Press: Minneapolis, 2020.
- LEÓN, Ana María. *Modernity for the Masses: Antonio Bonet's Dreams for Buenos Aires*. University of Texas Press: 2020.
- LIERNUR, Jorge Francisco. Antonio Bonet. Consideraciones sobre su obra en el Río de la Plata. *Cuadernos de Historia - LAA*, Buenos Aires, n. 7, p. 5-41, março 1996.
- _____. Las “villas miseria”, el “Barrio Sur” y la “Revolución Libertadora. Una aproximación a la más importante propuesta de vivienda colectiva de Antonio Bonet. In: SHIMDT, C.; IBARLÚCIA, R. (Ed.). *1as Jornadas de Historia y Cultura de la Arquitectura y de la Ciudad. Historia, Estética y Teorías de la Arquitectura: Grande Obras de la Arquitectura en la Argentina (1910-1980)*. Buenos Aires: Universidad Torcuato di Tella, 2011. p. 84-99.
- LIERNUR, Jorge Francisco; PSCHUPIURCA, Pablo. *La red austral: obras y proyectos de Le*

- Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes: Prometeo Libros, 2008.
- LUCCAS, Luis Henrique Haas. Antonio Bonet e a arquitetura do cone sul: o exemplo de Punta Ballena. In: COMAS, Carlos Eduardo Dias; MARQUES, Sergio Moacir (Eds.). *A segunda idade do vidro: transparência e sombra na arquitetura moderna do Cone Sul Americano - 1930/1970*. Porto Alegre: Uniritter, 2007. v. 5, p. 63–76.
- MUMFORD, Eric. *The CLAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- NOVICK, Alicia. Del urbanismo a la planificación en Buenos Aires. Actores, instituciones e instrumentos. In: SAMBRÍCIO, Carlos (Ed.). *Ciudad y vivienda en América Latina 1930-1960*. Madri: Lampreave, 2012. p. 46–71.
- BANCO HIPOTECARIO NACIONAL. *Plan de remodelación de la zona sudeste de la Capital Federal. Estudio urbanístico, legal y financiero*. Buenos Aires, 1957.
- ORTIZ, Federico; BALDELLOU, Miguel. *La obra de Antonio Bonet*. Buenos Aires: Ediciones Summa, 1978.
- OVRA. *Estudio de los problemas contemporáneos para la organización de la vivienda integral en la República Argentina*. Buenos Aires, 1943.
- PROJETO de Remodelação da Zona Sul de Buenos Aires. Antonio Bonet. *Módulo: revista de arquitetura e artes plásticas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 32–35, fevereiro 1957.
- PROJETO de Urbanização para Buenos Aires. *Habitat: revista brasileira de arquitetura, decoração, artes plásticas e artesanato*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 28–31, março/abril, 1958.
- RAMOS, Ignacio. Noticia sobre urbanismo. *Revista Nacional de Arquitectura*, Madrid, n. 178, p. 35–39, outubro 1956.
- REMÉNAJEMENT de la zone sud de Buenos-Aires, Argentine. *Architecture d'aujourd'hui*, Paris, v. 29, n. 80, outubro/novembro, 1958.
- SEGRE, Roberto. *América Latina, fim de milênio: raízes e perspectivas de sua arquitetura*. São Paulo: Nobel, 1991.
- SILVESTRI, Graciela. La medida de la naturaleza. *Block*, Buenos Aires, n. 2, p. 62–75, maio 1998.
- SLUM-SANIERUNG in Buenos Aires. *Bauen + Wohnen*, Munique, n. 3, p. 74–78, março 1958.
- TYRWHITT, Jacqueline; SERT, José Luis; ROGERS, Ernesto Natan (Eds.). *The Heart of the City: Towards the Humanisation of Urban Life*. London: Lund Humphires, 1952.
- URBANIZACIÓN del Bajo de Belgrano. Un barrio para 50.000 habitantes. *Revista de Arquitectura*, Buenos Aires, n. 369, p. 17–75, 1953.